

Especial

Entre cultura e trabalho, o carnaval evidencia o potencial da economia criativa e os desafios para sua consolidação como política pública

POR GIOVANNA KUNZ

Muito antes de ocupar as ruas com música, cor e multidões, o carnaval já está em movimento. A festa que, para o público, dura poucos dias, é resultado de meses e, em muitos casos, o ano todo de trabalho contínuo. No Distrito Federal, esse processo evidencia uma cadeia produtiva extensa, formada por artistas, costureiras, músicos, produtores culturais, técnicos, empreendedores e trabalhadores informais que encontram nos dias de Momo uma importante fonte de renda e identidade profissional.

Mais do que uma manifestação cultural, o carnaval se consolida como um dos principais motores da economia criativa brasileira. A festa articula saberes tradicionais, inovação, empreendedorismo e ocupação do espaço público, movimentando setores como moda, artesanato, serviços, turismo, alimentação e entretenimento. Ainda assim, esse potencial econômico segue enfrentando desafios estruturais, como a informalidade, a descontinuidade de políticas públicas e a concentração de recursos em períodos muito curtos do ano.

No DF, escolas de samba, blocos de rua, feiras criativas e marcas autorais ajudam a dimensionar o impacto do carnaval como atividade produtiva. São iniciativas que revelam como a cultura, quando vista como trabalho, pode gerar renda, formação profissional e desenvolvimento local.

Ao contrário da ideia de improviso, o carnaval é um processo altamente organizado. Cada desfile, bloco ou evento envolve planejamento financeiro, cronogramas rigorosos, divisão de tarefas e uma cadeia de fornecedores. A engrenagem começa com a criação artística, o enredo, o conceito visual, o repertório musical, e se desdobra em etapas técnicas que exigem mão de obra especializada.

Indústria cultural

Nas escolas de samba, esse processo se assemelha ao funcionamento de uma pequena indústria cultural. Para Pablo Claudino, diretor de comunicação e financeiro da Acadêmicos da Asa Norte, reduzir o carnaval ao espetáculo final é ignorar sua complexidade econômica. “A escola de samba, para além da festa deslumbrante e inclusiva que proporciona, tem algumas funções sociais. Uma delas é levar cultura e conhecimento às comunidades, por meio do enredo. A outra é formar profissionais. E uma terceira é exatamente gerar renda para sua cadeia produtiva. É um segmento relevante na economia criativa”, afirma.



Carro abre-alas da Acadêmicos da Asa Norte no desfile de 2023

A opção da escola por produzir seus desfiles internamente reforça essa lógica de formação e geração de trabalho local. “Nós temos por filosofia fazer o carnaval em casa, ensinando e gerando renda”, explica. Em 2023, último ano em que houve desfile oficial no Distrito Federal, cerca de 70 pessoas atuaram diretamente no barracão e nos ateliês de costura. Esse número não inclui fornecedores indiretos, como vendedores de tecido, aviamentos, alimentação, transporte e serviços técnicos.

A produção artesanal exige uma diversidade de funções, como costureiras, bordadeiras, aderecistas, marceneiros, escultores, músicos, intérpretes, passistas e profissionais de apoio. Ao manter essa cadeia ativa, a escola não apenas gera renda pontual, mas também qualifica trabalhadores. “Quando termina o desfile, essas pessoas saem com uma formação que as habilita a se integrar ao mercado de trabalho”, ressalta.